



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA:
GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

O ENCONTRO NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL
GESTÁLTICA

ALICE APARECIDA PACHECO
CORDEIRO

BELO HORIZONTE
2019

ALICE APARECIDA PACHECO CORDEIRO

**O ENCONTRO NA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL
GESTÁLTICA**

Monografia apresentada ao
Departamento de Psicologia da
Universidade Federal de Minas
Gerais, como requisito parcial para
conclusão do curso de Especialização
em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia
e Análise Existencial

Orientadora: Saleth Salles Horta

BELO HORIZONTE

2019

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos que tiveram participação especial nesta pós-graduação, pela investida conjunta em minha educação.

Dedico ao meu amor, pela partilha de momentos edificantes na construção pessoal e profissional.

Dedico aos meus amigos do coração e de profissão, que participaram desta caminhada, pela torcida e incentivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, pelo dom da vida e por me conceder mais uma vitória.

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, de modo especial, à professora Saleth Salles Horta, pelos incentivos.

Agradeço aos meus amigos e colegas de turma e de trabalho, pelas ricas trocas de experiência e incentivos.

De modo especial, agradeço aos amigos do coração e colegas de profissão Rosemara Reis da Silva e Jéssica Antunes Coutinho, pelas ricas conversas, desabafos, trocas e construções.

Enfim, a todos aqueles que tornaram possível a construção deste trabalho.

“A vida é encontro.”

Martin Buber

RESUMO

Neste trabalho, encontram-se breves reflexões sobre a atuação clínica, segundo a Abordagem Gestáltica. Para compor este trabalho, foram realizadas revisão e análise bibliográfica sobre o tema assinalado. Partindo de uma breve explanação sobre a Gestalt-terapia, bem como sua fundamentação filosófica, teórica e técnica, foram apresentados a caracterização do Homem, enquanto ser de relação, e as implicações desta na prática psicoterápica. A Gestalt-terapia busca a integração das dimensões sensoriais, afetivas, intelectuais, sociais e espirituais do ser humano, através do contato autêntico com o mundo e consigo mesmo. Considerando a natureza relacional do ser humano, a qualidade das relações estabelecidas com o meio é relevante para compreender a atuação humana no e com o mundo. Neste sentido, a postura adotada pelo(a) Gestalt-terapeuta apresenta fundamental relevância, uma vez que o modo relacional apresentado pode ou não representar um convite ao diálogo autêntico. Buscou-se o aprimoramento do conhecimento sobre o Encontro Psicoterápico em Gestalt-terapia, sem ser prescritiva ou normativa.

Palavras-chave: Psicologia, Gestalt-terapia, Encontro Psicoterápico, Psicoterapia Dialógica.

ABSTRACT

In this work, there are brief reflections on the clinical performance, according to the Gestalt Approach. To compose this work, a review and bibliographical analysis on the theme was carried out. Starting from a brief explanation about Gestalt therapy, as well as its philosophical, theoretical and technical foundation, the characterization of Man as a being of relation and its implications in psychotherapeutic practice were presented. Gestalt therapy seeks to integrate the sensory, affective, intellectual, social and spiritual dimensions of the human being through authentic contact with the world and with oneself. Considering the relational nature of the human being, the quality of relationships established with the environment is relevant to understanding human performance in and with the world. In this sense, the posture adopted by the Gestalt-therapist is of fundamental importance, since the relational mode presented may or may not represent an invitation to authentic dialogue. We sought to improve the knowledge about the Psychotherapy Meeting in Gestalt-therapy, without being prescriptive or normative.

Keywords: Psychology, Gestalt-therapy, Psychotherapeutic Meeting, Dialogical Psychotherapy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAP 1 - A ABORDAGEM GESTÁLTICA.....	12
CAP 2 - O ENCONTRO HUMANO.....	21
2.1 - A RELAÇÃO HUMANA	25
2.2 - O ENCONTRO NA PSICOTERAPIA.....	27
CAP 3 - O ENCONTRO E A GESTALT-TERAPIA	32
CONSIDERAÇÕES NUNCA FINAIS.....	37
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:.....	39

INTRODUÇÃO

A escolha por este tema de monografia foi motivada pela vivência na prática clínica e no curso de especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial (Pós Graduação Latu Sensu), que tem como objetivo fomentar a qualificação das(os) profissionais da Psicologia para atuarem nos diversos contextos, tendo como foco a saúde. Tal vivência trouxe questionamentos sobre a atuação do(a) Gestalt-terapeuta na prática clínica, considerando o desafio cotidiano de oferecer ao(a) cliente/paciente a oportunidade de se encontrar e tornar o seu modo de ser no mundo satisfatório e condizente com o que lhe é próprio. Percebeu-se que para atuar no setting terapêutico há a exigência de um posicionamento e atitude do(a) profissional de Psicologia que seja condizente com a proposta da Gestalt-terapia. A visão de homem e, conseqüentemente, a compreensão de sua atuação no mundo marcam a direção na qual o(a) gestalt-terapeuta se põe a caminhar na gratificante tarefa de acompanhar o(a) cliente/paciente no processo psicoterápico.

A Gestalt-terapia foi desenvolvida em 1940, por Fritz e Laura Perls, e contou com a influência de diversas correntes filosóficas e teóricas que têm como foco a valorização do humano. É uma abordagem psicoterapêutica fundamentada na fenomenologia, no existencialismo dialógico, no humanismo, na Teoria Organísmica, na Teoria de Campo e nas filosofias orientais.

O foco de atuação em Gestalt-terapia é o desenvolvimento pessoal, baseado na potencialidade humana de autorregulação e autogestão, visando a realização plena do ser. Busca fomentar a integração das dimensões sensoriais, afetivas, intelectuais, sociais e espirituais do ser humano, através do contato autêntico com o mundo e consigo mesmo. Compreende o homem como um ser complexo e em constante organização e reorganização conforme as suas necessidades. Assim, está em constante modificação pela interação consigo mesmo e com o mundo a sua volta, explicitando a natureza humana: é um ser de relação. Se constitui na e pelas relações que estabelece no mundo.

O homem é um ser-no-mundo e um ser-no-mundo-com-os-outros. Assim, faz-se relevante a compreensão sobre a qualidade e o tipo de relação que

estabelece no e com o mundo. Para tanto, nesta proposta de trabalho, utilizou-se a compreensão apresentada por Martin Buber, sobre a natureza relacional do ser humano, tendo como destaque a relação intersubjetiva. O referido autor se ocupou do estudo e compreensão da existência humana, enfatizando a existência dialógica ou a vida em diálogo. Para o mesmo, a relação de maior valor existencial é o encontro dialógico, a relação inter-humana, e descreve duas atitudes distintas do homem frente ao mundo e ao ser homem: o relacionamento Eu-Isso e a relação Eu-tu, sendo esta a atitude que instaura o acontecimento dialógico entre duas pessoas. O relacionamento Eu-Isso denota a possibilidade da experiência, do conhecimento, da objetificação. O relacionamento Eu-Tu, pela compreensão do outro enquanto pessoa, abre a possibilidade do encontro interpessoal, marcado pela presença, aceitação, reciprocidade. O dialógico equivale ao encontro mútuo, a presentificação de um e de outro, como pessoas.

Na prática clínica em Gestalt-terapia, o relacionamento entre terapeuta e cliente/paciente tem importante relevância, visto que a relação dialógica abre possibilidade de ambos vivenciarem um relacionamento genuíno. Para a Gestalt-terapia, o relacionamento dialógico Eu-Tu, o encontro existencial, é caracterizado pelo encontro entre pessoas como pessoas. Quando o(a) terapeuta acessa o outro enquanto um tu, uma pessoa, institui-se uma forma de relação na qual o terapeuta pode se tornar um eu, que presentifica o outro, o confirma na sua alteridade. A presença, a escuta atenta e crítica, o olhar cuidadoso, a postura acolhedora, a companhia verdadeira do(a) terapeuta representa para a pessoa do(a) cliente/paciente uma oportunidade de arriscar e adentrar ao seu processo, na busca por um melhor-ser.

O objetivo deste trabalho é investigar a importância da postura dialógica na prática clínica, segundo a abordagem Gestáltica. Buscou-se ainda, aprimorar o conhecimento sobre a prática clínica baseada na relação interpessoal dialógica como fonte do encontro psicoterápico.

Para a presente proposta de trabalho optou-se pela pesquisa e análise bibliográfica sobre o tema como forma de coleta e análise de dados. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica através de livros e artigos científicos coletados nas seguintes bases de dados: Revista IGT na Rede, Revistas Científicas, Revista da Abordagem Gestáltica e livros.

Para alcançar este objetivo, o primeiro capítulo apresenta uma breve sistematização acerca da Gestalt-terapia e sua fundamentação filosófica, teórica e técnica. O segundo capítulo trata do Encontro Humano, incluindo sub-capítulos sobre a Relação Humana e o Encontro na Psicoterapia. O terceiro capítulo trata do Encontro na perspectiva da Gestalt-terapia. Por fim, as Considerações Nunca Finais.

Espera-se que as reflexões produzidas neste trabalho possam contribuir, sem ser prescritivo ou normativo, com o processo de construção por que passa a Psicologia e especificamente a Gestalt-terapia.

CAP 1 - A ABORDAGEM GESTÁLTICA

Desenvolvida a partir de 1940, por Fritz e Laura Perls, a Gestalt-terapia é uma abordagem psicoterapêutica fundamentada na fenomenologia, no existencialismo dialógico, na Teoria Organísmica e na Teoria de Campo. O marco do surgimento da abordagem é 1951, quando do lançamento do livro *Gestalt-therapy: excitement and growth in the human personality*, escrito por Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline.

A Gestalt-terapia busca o desenvolvimento pessoal, baseado na potencialidade humana de autorregulação e autogestão visando a plena realização do ser. Ginger e Ginger afirmam que a referida abordagem se destina a “qualquer pessoa (ou organização) que esteja procurando *desabrochar melhor seu potencial* latente, não só um *melhor-ser*, mas *um mais-ser*, uma *qualidade de vida* melhor” (itálico dos autores). Os autores asseguram, ainda que, a Gestalt (...) se apresenta como uma filosofia, uma ‘arte de viver’, um modo diferenciado de “conceber as relações do ser vivo com o mundo”. O foco está na conscientização da experiência atual – o aqui e agora – e na “reabilitação da percepção emocional e corporal” (Ginger e Ginger, 1995, p. 17).

A perspectiva do trabalho gestáltico é fomentar a integração das “dimensões sensoriais, afetivas, intelectuais, sociais e espirituais do ser humano”, na busca pelo desenvolvimento do contato autêntico com o mundo e consigo mesmo, como destacam Ginger e Ginger (1995, p. 15). Os referidos autores salientam o propósito de auxiliar no processo de “tomada de consciência global da forma como funcionamos e de nossos processos: de ajustamento criador ao meio, de integração da experiência presente, de nossas evitações e de nossos mecanismos de defesa ou resistências” (Ginger e Ginger, 1995, p. 18).

Nesse sentido, são apontadas quatro premissas que norteiam a referida abordagem, conforme ressalta Kiyari (2009). A primeira diz da condição do ser humano, como ser de relação, sendo a existência humana marcada pela relação estabelecida entre o campo-organismo-meio, não sendo possível conceber a vivência humana fora do contexto e do meio no qual está inserido, e das relações que estabelece. A segunda refere-se à consciência, sendo esta identificada

como fundamental, uma vez que pela conscientização é possível que o indivíduo estabeleça “contatos de boa qualidade”, se responsabilize por sua existência e assuma “seu potencial”, compreendido como a capacidade de autorealização. Aqui vale considerar o conceito de consciência em Gestalt-terapia, que está relacionado a palavra de origem inglesa Awareness que, embora não haja uma tradução exata, tem os seguintes correlatos: “consciência”, “conscientização”, “tomada de consciência” (Kiyon, 2009, p. 44).

A palavra a Awareness, na Gestalt-terapia assume o sentido de estar consciente de ..., da experiência vivida, está relacionada a “estar em contato com a própria existência, com *aquilo que é*”, enfatiza Yontef (1998). O referido autor reforça que equivale ao “processo de estar em contato vigilante com os eventos mais importantes do campo indivíduo/ambiente, com total apoio sensorimotor, emocional, cognitivo e energético”, o que favorecerá a integração (Yontef, 1998, p. 30-31, *itálico do autor*). Por estas considerações, conclui-se que estar aware diz da disponibilidade, da presença, do interesse, na conscientização, da aceitação daquilo que é, da qual o indivíduo dispõe quanto ao processo de tomada de consciência de sua vivência, estando apoiado na interação organismo/ambiente. Tal processo possibilita que novas e significativas totalidades surjam no campo, favorecendo a ressignificação da experiência vivida.

A terceira premissa refere-se à autorregulação ou homeostase, princípio existente em todo organismo, responsável pela satisfação das necessidades e do equilíbrio orgânico. Perls (1985, p. 21) denomina o “processo homeostático de processo de auto-regulação, processo pelo qual o organismo interage com seu meio” com a finalidade de satisfazer a necessidade dominante/primeiro plano (figura), aquela que mais agudamente precisa ser satisfeita, sendo que as demais (fundo) ficam temporariamente em segundo plano. Estas necessidades podem ser tanto fisiológicas quanto psicológicas, como a sede, a fome, o afeto e outras.

Aqui faz-se necessário fazer considerações sobre a importância do “aqui e agora” no trabalho gestáltico. É no momento presente que a vida acontece, essa é a única possibilidade, já que o passado não existe mais e o futuro ainda

não aconteceu. É inegável que somos impactados pelo tempo que marca a existência humana. Perls (2002) ressalta a importância de manter a consciência do presente, visto que só no aqui e agora do presente é possível que algo aconteça.

“O centro temporal de nós mesmos como eventos espaço-tempo humanos conscientes é o presente. *Não há outra realidade a não ser o presente.* O desejo de reter mais do passado ou de antecipar o futuro poderia encobrir completamente este senso de realidade.” (Perls, 2002, p. 146, itálico do autor)

Ainda que seja possível, e por vezes necessário, transitar pelo passado e pelo futuro, o que está sendo feito está acontecendo aqui e agora, no presente, que deve ser considerado o norte para qualquer ação voltada para a reorganização orgânica. Assim, a “falta de contato com o presente, falta de ‘sensação’ real de nós mesmos, leva à fuga para o passado (pensamento histórico) ou para o futuro (pensamento antecipatório)”, destaca Perls (2002, p. 147). Nesse sentido, a valorização do fenômeno tal qual se apresenta em cada momento aponta para um equilíbrio. E, quando há o desequilíbrio no contato temporal, instala-se a ansiedade, definida por Perls como “a brecha entre o agora e o depois. Assim que você deixa a base segura do agora e corre para futuro, você experimenta ansiedade”, uma vez que perde o apoio para a orientação contida no presente (Perls, 1985, p. 134).

A quarta premissa refere-se à prevalência do como sobre o porquê. Isto pois, em Gestalt-terapia o processo é valorizado por favorecer a conscientização, o experimento e o crescimento. A explicação incentivada pelo uso do porquê motiva a racionalização, a rememoração do passado, a abstração e o distanciamento. A apreensão da forma como o indivíduo age diante das exigências para consigo mesmo e as exigências externas, pode ser esclarecedora, uma vez que “dessa forma tomará contato com seu modo de agir e com as muitas outras possibilidades que se configuram a partir de então”, destaca Kiyon (2009, p. 47). A autora reforça ainda, que na abordagem gestáltica busca-se a compreensão da existência de qualquer evento em termos de processo, e com isso o como sobressai o porquê. O aqui e o como são conceitos base para a Gestalt-terapia. Correlacionando os referidos termos, Perls (1977a) assinala que,

“Agora engloba tudo que existe. O passado já foi e o futuro ainda não é. Agora inclui o equilíbrio de estar aqui, é o experienciar, o envolvimento, o fenômeno, a consciência. Como engloba tudo o que é estrutura, comportamento, tudo o que realmente está acontecendo – o processo.” (Perls, 1977a, p. 69, itálico do autor).

Outro conceito que possui relevante importância na abordagem gestáltica é o conceito de polaridade, herança do pensamento oriental taoista (Tao-Yin/Yang no qual todo inteiro contém em si seu oposto) (Kiyari, 2009; Yontef, 1985). As polaridades não equivalem à opostos irreconciliáveis, mas sim a partes que interconectam. “A dicotomia é uma divisão na qual o campo não é considerado um todo, (...) uma diversidade de forças não-relacionadas (e/ou) competidoras.” O pensamento dicotomizado impacta no processo de autorregulação do organismo, tende a ser intolerante para com o diferente, e a diversidade existente. A autorregulação orgânica conduz à integração entre as partes, “numa totalidade que contém as partes”, destaca Yontef (1985, p. 34).

Vale destacar que, dentre as diversas influências que atuaram sobre Perls durante a constituição da referida abordagem, algumas destas impactaram inclusive a vida pessoal do seu fundador, como é o caso da Psicanálise, da Análise de caráter de Reich, o pensamento oriental, e o psicodrama.

Sobre o legado proporcionado pela Psicanálise à obra de Perls, tendo em vista que ele atuou como psicanalista por 23 anos (1928-51) e foi analisando por seis anos, conforme lembra Kiyari (2001), podemos destacar alguns pontos, considerando que as divergências entre uma e outra abordagem eram tanto teóricas quanto práticas. Diferenças de compreensão do homem e sua ação no mundo, uma vez que a Gestalt-terapia considera a pessoa, “vista e sentida no presente, e não a partir de causas passadas, bem como a utilização do como e do quê na compreensão da realidade do cliente” (Ponciano, 1985, 115).

Privilegiando a concentração, e conseqüentemente a percepção e conscientização do “aqui e agora da situação terapêutica (postura e sensações corporais, movimentos, gestos, tom de voz, linguagem)”, Perls auxiliava o paciente no processo de tomada de consciência sobre como acontecem “eventuais interrupções, dissociações, lacunas, distorções que ocorrem”, com o intuito de que o mesmo consiga fazer relações e descubra os significados, até então ocultos, que possam fomentar a reelaboração de suas vivências e trazer nova configuração no seu “campo existencial presente”. O foco está na

apreensão do como o passado manifesta no presente, na presença atenta para “o *que é e como é*” – awareness –, o que abarca a percepção, conscientização, interesse e presença ativa, assegura Tellegen (1984, p. 34-35, itálico da autora).

Enquanto a “visão gestáltica é uma visão humanística, existencial e fenomenológica”, a “visão freudiana é uma visão mecanicista, biológica e psicodinâmica”, destaca Ponciano (1985, p. 115). Deste modo, pode-se compreender que a ruptura com a proposta psicanalítica é mais ampla, já que Perls optou pela abordagem que mais se aproxima da concepção humanista, modelo filosófico que mais se assemelha ao seu modo de conceber e estar no mundo.

Como dito anteriormente, a construção da abordagem Gestáltica foi influenciada por diversas correntes filosóficas e teóricas, de diversas fontes, tais como a fenomenologia, o existencialismo, a psicologia da Gestalt, as correntes humanistas e as filosofias orientais.

Para a Fenomenologia, corrente filosófica que se ocupa de conhecer o fenômeno que é dado a conhecer pela consciência, o homem é compreendido como ser no mundo, e como tal, está em constante relação com tudo o que o cerca. A relação homem-mundo se dá pela via do corpo e, por meio deste, o homem pode se relacionar com as coisas e com os demais seres humanos. Assim, a existência (*ek-sistere*, ser para fora), está marcada pela relação do homem com o mundo e com o outro, destaca Rehfeld (2013, p. 29).

Ginger e Ginger, assinalam que a abordagem gestáltica utiliza das seguintes considerações fenomenológicas: é mais importante descrever do que explicar, logo “o *como* precede o *porquê*”; “o essencial é a *vivência imediata*, tal como é percebida ou *sentida corporalmente* – até imaginada – assim como o *processo* que está se desenvolvendo *aqui e agora*”; “a percepção do mundo e do que nos rodeia é dominada por fatores *subjetivos irracionais*, que lhe conferem *um sentido*, diferente *para cada um*”; o que reforça o entendimento de que é importante a “*tomada de consciência do corpo e do tempo vivido, como experiência única de cada ser humano, estranha a qualquer teorização preestabelecida*” (1995, p. 36, itálico dos autores).

Cardoso (2013) lembra que o Existencialismo pode ser entendido como um conjunto de doutrinas filosóficas centrada na compreensão da existência

humana na sua singularidade e particularidade, tendo em vista a complexidade inerente à realidade. O homem é compreendido como um ser de possibilidades e livre, responsável por suas escolhas e não pré-determinado. Um ser que se constitui à medida que estabelece significado à sua existência e às suas vivências, num constante vir-a-ser, consumando, assim, seu projeto de vida e de ser no mundo”. Deste modo, ele se torna o único responsável pelo seu existir no mundo (Cardoso, 2013, p. 60).

Ginger e Ginger (1995), assinalam as seguintes premissas do Existencialismo encontradas na abordagem Gestáltica, evidenciando a influência daquela sobre esta:

“(…) o primado da *vivência concreta* em relação aos princípios abstratos. Pode ser considerado ‘existencial’ tudo que diz respeito à forma como o homem experimenta sua existência, a assume, a orienta, a dirige. A autocompreensão para viver, para existir, sem se colocar questões de filosofia teórica, *é existencial: é espontânea, vivida, não erudita* (...); a *singularidade de cada existência* humana, a originalidade irreduzível da experiência individual, objetiva e subjetiva; a noção de *responsabilidade* de cada pessoa que participa ativamente da construção de seu *projeto existencial e confere um sentido* original ao que acontece e ao mundo que a rodeia, criando, inelutavelmente, a cada dia, sua relativa *liberdade*” (Ginger e Ginger, 1995, p. 36, itálico do autor).

Quanto ao Humanismo, surgiu na década de 1960, como movimento da terceira força em Psicologia, numa tentativa de recolocar o homem no centro dos estudos, em contraponto às abordagens psicológicas vigentes na época. Tratava-se de um esforço em humanizar a abordagem ao humano, ampliando a visão de homem, e valorizando aspectos como a consciência, a liberdade e o presente, lembram Ginger e Ginger (1995) e Mendonça (2013). A Psicologia Humanista está incluída no “*movimento do potencial humano*”, que compreende as novas terapias. Buscam valorizar o humano nos âmbitos sociais, emocionais e corporais, configuram uma visão otimista do homem e apregoa a sua capacidade de ser responsável, criativo e ativo em sua existência, asseguram Ginger e Ginger (1995, p. 94, 96, itálico dos autores).

A Psicologia Humanista compreende o homem como ser capaz de se auto-realizar, é concebido como sendo aquele que se autodetermina, que interage com seu ambiente, e, pela sua liberdade, pode fazer escolhas e ser responsável pelas mesmas nas relações que estabelece, destaca Frazão (2013, p. 12).

A Gestalt-terapia está relacionada ao humanismo por sua visão holística do homem, uma vez que o compreende como um ser de possibilidades de desenvolvimento para além de sua existência presente, tendo em vista seu potencial de crescimento e atualização, que favorecem a sua integração e autorrealização. “A autonomia do espírito humano, capaz de encontrar por si mesmo a melhor alternativa para suas dificuldades, é o ponto de encontro entre o humanismo e a Gestalt-terapia”, enfatiza Mendonça (2013, p. 80).

Quanto à Psicologia da Gestalt, esta trouxe contribuições à Gestalt-Terapia sendo, junto com a Teoria Organísmica, uma das fontes conceituais de maior evidência no processo de reformulação teórica feita por Perls. Sobre o trabalho desenvolvido pelos teóricos da psicologia da Gestalt, interessava aos gestaltistas contemporâneos a compreensão dos fenômenos perceptivos e a organização dos mesmos, e ampliaram os estudos iniciais englobando a memória, a inteligência, a expressão e a personalidade. Através de seus estudos se opuseram contra o dualismo entre matéria e espírito, objeto e seu princípio, salientado a concepção de que “o objeto não *tem* uma forma, é uma forma, uma *Gestalt*, um todo específico, delimitado, estruturado, significativo”, destacam Ginger e Ginger (1985, p. 38, *itálico dos autores*). Trata-se da Figura/Fundo organizado de modo a manter ou reestabelecer o equilíbrio energético, conforme a necessidade predominante do organismo e as condições disponíveis no momento.

Em Gestalt-terapia, a ocorrência de fluxo sem entraves dos ciclos de satisfação das necessidades denota um estado de boa saúde do organismo. Durante a terapia a formação flexível de Gestalts sucessivas é incentivada, respeitando a relação flutuante entre organismo e meio, “num *ajustamento criador permanente*” (Ginger e Ginger, 1985, p. 39, *itálico dos autores*). Dito de outro modo, em terapia o(a) paciente é incentivado a tomar consciência das suas necessidades, e buscar satisfazê-las, em consonância com a interação com seus desejos, sentimentos, seu contexto existencial.

Sobre a Teoria Organísmica de Goldstein e a sua influência para a Gestalt-terapia, Tellegen (1984, p. 37) ressalta que a referida teoria ampliou as bases da Gestalt-psicologia, ao tomar por “objeto o organismo como um todo, nas suas funções e ações”. Considera que só é possível compreender um

sintoma na sua totalidade se considerar o indivíduo na sua totalidade. Afirmando a “indivisibilidade do homem, assim como da relação estabelecida entre o todo e as partes”, apreende “que o organismo era uma só unidade e que o que ocorria em uma parte afetava o todo”, destaca Kiyon (2001, p. 130-131). Conforme o entendimento da referida teoria, o homem possui um impulso dominante de auto-regulação que o motiva em busca da realização do ser na sua plenitude. Ponderando sobre o legado da Teoria Organísmica, Ponciano (1985) assinala as influências que a Gestalt-terapia recebeu da mesma:

“A pessoa é una, integrada e consistente. A organização é natural ao organismo. A desorganização é patológica.;

O organismo é um sistema organizado, com o todo diferenciado em suas partes.;

O homem possui um impulso dominante de auto-regulação, pelo qual é permanentemente motivado. Ele está permanentemente à procura de atualizar suas potencialidades.;

O homem tem dentro dele as potencialidades que regulam seu próprio crescimento, embora possa e receba influências positivas de crescimento do meio exterior, as quais ele seleciona e utiliza.;

‘A Teoria Organísmica acredita que se pode apreender mais em um estudo compreensivo da pessoa do que em uma investigação exclusiva de uma função psicológica isolada e abstrata de muitos indivíduos.’” (Ponciano, 1985, 107-108)

No processo psicoterápico, a abertura para o conhecimento do contexto no qual o paciente está inserido, se revela de importância fundamental, justo que o indivíduo é constituído nas e pelas relações que estabelece com o mundo e consigo mesmo. Assim, para conhecê-lo é importante saber do todo que compõe o seu existir e o mundo que o cerca.

Neste sentido, Ginger e Ginger (1985) enfatizam que “o nosso mundo é um mundo *percebido* e revestido de significados, segundo os quais pautamos o nosso comportamento”. Kurt Lewin, teórico que ampliou os pressupostos da psicologia da Gestalt para o estudo e compreensão sobre as influências sociais sobre o comportamento, formulou o conceito de “campo ou ‘espaço vital’ psicológico e social”. O referido teórico o compreende como “um todo dinâmico, concreto e delimitado”, caracterizado pela constituição de “uma *rede de relações* entre partes”. A busca é pela compreensão do que ocorre no espaço vital, via “*uma explicação sistêmica* que se preocupa em traçar *como* um evento qualquer afeta e modifica o todo” (Ginger e Ginger, 1985, p. 47, *itálico dos autores*).

Ginger e Ginger afirmam que, Lewin descreve o espaço vital como sendo “composto por ‘regiões’ (intrapessoais, interpessoais, físicas, sociais), cujas

demarcações são chamadas de fronteiras ou zonas fronteiriças. O comportamento de um indivíduo ou grupo é concebido como ‘locomoções’ fronteiriças segundo ‘vetores’ de atração ou repulsa” (1985, p. 48). Representa o “universo psicológico de cada um”, no qual é percebida a interação entre indivíduo e meio, dado a conhecer através do comportamento manifesto. Aqui é relevante considerar que a comunicação que estabelece entre indivíduo e mundo ocorre pela permeabilidade oferecida pelo meio psicológico, que é uma zona de contato entre indivíduo e mundo, destaca Kiyon (2001, p. 129). Esta formulação está em consonância com o conceito de fronteira de contato em Gestalt-terapia.

A Teoria Holística exerceu significativa influência no desenvolvimento da Gestalt-terapia. Isto pois, a visão holística considera que a parte só pode ser compreendida a partir do todo, privilegiando a totalidade na compreensão e explicação da realidade, e assinala que o todo possui uma unidade orgânica, não sendo apenas a soma de suas partes, destacam Japiassu e Marcondes (1989) citados por Kyan (2001, p. 132). Busca-se a integração das partes para que haja um todo coerente.

Assim, pode se observar que a Gestalt-terapia, em consonância com o apresentado, pode ser considerada holística, uma vez que não concebe a divisibilidade do indivíduo, e busca a compreensão do todo do fenômeno que se manifesta a cada instante. Perls formulou um processo psicoterápico que considera o homem como sendo global, sem prevalência quanto à importância do físico ou do psíquico. O homem é visto como um “ser único cujas partes formam um todo específico”, e na interação das mesmas é possível atentar para a estrutura que marca a inter-relação estabelecidas entre as partes, entendidas como dinâmicas, indivisíveis e mutáveis, destaca Kiyon (2001, p. 133).

Considerando o que foi exposto, podemos concluir que a Gestalt-terapia, como abordagem de origem fenomenológico-existencial e holística, teve em sua estruturação teórica e prática, a influência de diversas abordagens, que auxiliaram na construção de seu arcabouço teórico e prático, tendo como foco o crescimento e o desenvolvimento do ser humano na sua plenitude.

A seguir, será apresentada breve explanação sobre o encontro humano e sua relevância, considerando a natureza relacional do ser humano.

CAP 2 - O ENCONTRO HUMANO

O homem é um ser que se constitui nas relações que estabelece com o mundo e com os outros seres humanos a sua volta. É um ser-no-mundo e um-ser-com-os-outros. A compreensão sobre si mesmo é fomentada pela relação com os outros homens, é um co-existente, conforme assinala Giovanetti (2015, p. 50), já que na existência do ser-homem está explícito o ser-presente de outros homens.

Deste modo, para a compreensão da existência humana deve-se considerar a importância da relação constituidora entre o homem, o mundo e os outros homens. O que equivale a afirmar que o homem é relacional, ele só existe no mundo e com os outros, “(...) a relação é o elemento anterior à constituição do homem como subjetividade”. Isto pois, para a fenomenologia-existencial, o “Eu é entendido como possuindo uma vinculação primária, ‘como um ‘estar’ em uma mútua vinculação”, sendo os sentimentos “matizes da vinculação primordial” (relação mãe-bebê). A afetividade, um dos eixos da organização psíquica, se manifesta conforme a maneira como os contatos são estabelecidos pelo eu com o mundo, destaca Giovanetti (2015, p. 51). Importa compreender a qualidade e o tipo de relação que é estabelecida com o mundo, uma vez que estas marcam o modo relacional do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Segundo Giovanetti (2015), são três as esferas pelas quais o homem concretiza sua dimensão relacional: com a natureza – relação de objetividade; com os outros homens – relação intersubjetiva; e a relação de transcendência, que se dá pela relação do homem com uma realidade para além (trans) da realidade que ele se situa. Tal proposição concorda com as reflexões de Martin Buber (1878-1965), considerado o filósofo do encontro, que distingue três dimensões da relação humana: com a natureza, com a humanidade e com os seres espirituais (Buber, 2001).

Buber prioriza e destaca a relação intersubjetiva, por considerar que por meio dela a reciprocidade e unicidade são potencializados. Inspirado na mística do Hassidismo, postula uma filosofia do diálogo e uma metafísica do encontro em sua célebre obra EU e TU. Buber se ocupou do estudo e compreensão da

existência humana, enfatizando a existência dialógica ou vida em diálogo. Na busca por desvelar o sentido existencial da palavra, o referido autor desenvolveu uma ontologia da palavra – como palavra falante direcionada a outro ser – o sentido de portadora do ser. Ressaltando o significado da palavra, Zuben afirma que para o referido filósofo, “a palavra proferida é uma atitude efetiva, eficaz e atualizadora do ser do homem. Ela é um ato do homem através do qual ele se faz homem e se situa no mundo com os outros”. A palavra, então, é apresentada como “princípio ontológico do homem como ser dialógico e dia-pessoal”, como aquela que conduz e introduz o homem na existência. “A palavra, como portadora do ser, é o lugar onde o ser se instaura como revelação” (2003, p. 87).

Para Buber, a relação de maior valor existencial é o encontro dialógico, a relação inter-humana, e conceitua relação como equivalente àquilo que, “de essencial, acontece entre seres humanos e entre Homem e Deus” (Zuben, 2003, p.84). Para o mesmo, a vida em diálogo está marcada pelas categorias: “palavra, relação, diálogo, reciprocidade como ação totalizadora, subjetividade, pessoa, responsabilidade, decisão-liberdade, inter-humano” (Zuben, 2003, p.88).

Partindo do conceito de relação e da importância atribuída à mesma – o homem é um ser de relação, sendo esta essencial para sua existência – o filósofo do encontro descreve duas atitudes distintas do homem frente ao mundo e ao ser homem. Trata-se das palavras-princípio Eu-Tu, que se refere a “um ato essencial do homem, atitude de encontro entre dois parceiros na reciprocidade e na confirmação mútuas”; e Eu-Isso, que diz da “atitude de experiência e a utilização” (Zuben, 2003, p.89). Estas palavras-princípio denotam duas possibilidades do ser se revelar como humano. “As palavras-princípio não exprimem algo que pudesse existir fora delas, mas uma vez proferidas elas fundamentam uma existência”, afirma Buber (2001, p. 3). Ao proferir a palavra-princípio, o homem, Eu, abre a possibilidade de atender ou não o apelo do ser, que implica em ação passiva ou ativa. Uma “atitude de aceitação ou de recusa”, que é atualizada quando uma das palavras-princípio é dita. Em outras palavras, “a própria condição de existência como ser-no-mundo é a palavra como diálogo”. Entretanto, há distinção entre as duas palavras-princípio. “O Eu de uma palavra-princípio é diferente do Eu da outra”, uma vez que “há uma dupla possibilidade de existir como homem”, destaca Zuben (2003, p.91). Para Buber (2001, p. 6),

“o mundo como experiência diz respeito à palavra-princípio Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu fundamenta o mundo da relação”. Assim, o Eu-Tu denota relação, e Eu-Isso, relacionamento.

Tu e Isso são duas fontes nas quais a eficácia da palavra se desenvolve constituindo a existência humana. (...) O Tu é primordial e conseqüentemente o Isso é posterior ao Tu. ‘No princípio é a relação’. A abordagem cognoscitiva de objetos, do Isso, só poderá ser levada a efeito na medida em que passa pelo lugar ontológico do encontro de duas pessoas. (Zuben, 2003, p.91)

Crema (2017, p. 38) esclarece que a relação Eu-Tu “se refere a essência da alteridade implícita na relação que é reciprocidade face-a-face, como fundamento da vida dialógica, base ontológica do entre, do inter-humano, essência do nós, que só pode ser proferida pela pessoa em sua totalidade”. O Eu aqui é uma pessoa, e o outro é o Tu. Quando, na relação de intersubjetividade, ocorre a vivência de reciprocidade tem-se aí um encontro interpessoal. Giovanetti (2015, p. 53-54) utiliza a palavra encontro para designar a situação na qual um ser afeta, de algum modo, a existência do outro ser, ou seja, ela se concretiza na relação intersubjetiva que promove o crescimento, a troca de experiências, quando as vivências mobilizam a existência.

Quanto ao relacionamento Eu-Isso, o Eu aqui demarca o sujeito da experiência, de conhecimento frente ao objeto. A experiência é distanciamento do Tu, afirma Buber (2001, p. 10). Trata-se do

“mundo da experiência, do conhecimento e do utilitarismo ou uso, esfera do ego, relacionamento com objeto. Eu-Isso é uma palavra da separação, que estabelece a dualidade entre sujeito e objeto e se encontra no fundamento da atitude egocêntrica, que se coloca diante das coisas que são vivenciadas com um somatório de atributos e qualidades” (Crema, 2017, p. 38).

Zuben (2003) assinala a caracterização dada por Buber, aos pólos correlatos das palavras-princípio. Assim, o Eu do Eu-Tu recebe o nome de ‘pessoa’, enquanto que o Eu do Eu-Isso, é chamado de ‘egótico’. Ao Eu-pessoa equivale o Tu; e ao Eu-Egótico equivale um Isso, Ele ou Ela. Cabe destacar que, tanto Tu quanto Isso podem se referir a pessoas, seres da natureza, objetos de arte, Deus, etc. Trata-se de modos de relações que o homem estabelece com o mundo a sua volta.

A palavra-princípio proferida identifica o modo de relação estabelecida com o mundo. “Tanto o Eu quanto o mundo são caracterizados pela palavra-

princípio proferida. Temos, então, de um lado, a abertura essencial do Eu e, de outro, a doação imediata do ser”, enfatiza Zuben (2003, p. 148). Ambas atitudes ocorrem alternadamente, e são modos de relações que o sujeito estabelece consigo, com o outro e com o mundo. O que difere uma e outra atitude, é a “noção de totalidade que caracteriza a relação ontológica Eu-Tu”, uma vez que tal palavra-princípio só pode ser proferida pelo ser em sua totalidade (Zuben, 2003, p. 149).

Cabe destacar que, embora as distinções entre as palavras-princípio, estas são complementares e necessárias uma a outra. É pela relação com o Tu que há o Eu. O Tu também pode vir a ser um Isso. “O Tu é presença além do tempo, do espaço e da compartimentalização, que atualiza o Eu (...). O Isso é coerente no tempo e no espaço, e pode ser ordenado e classificado, nada tendo de mal em si, como a própria matéria” (Crema, 2017, p. 38). E ainda, pela relação o “Eu se torna Eu em virtude do Tu e reciprocamente”, destaca Zuben (2003, p. 93).

Sobre relação, descrita por Buber sob diferentes termos (diálogo, relação essencial, encontro), Zuben (2003) enfatiza a importância de se atentar para a definição dos mesmos: “O encontro é algo atual, um evento que acontece atualmente, isto é, na *presença*. A relação engloba o encontro. Ela abre a possibilidade da latência; ela possibilita um encontro dialógico sempre novo” (p. 92, *italico do autor*). Assim, a relação representa a possibilidade de atualização do encontro dialógico.

Conceituando o dialógico, Zuben (2003) assinala que para Buber o termo equivale a “uma forma explicativa do fenômeno inter-humano”, que implica a presença ao encontro mútuo, presentificação de um e de outro. A reciprocidade caracteriza a existência do encontro e a atualização da relação, e é encontrada apenas no eixo eu-tu. O *entre* é entendido como uma categoria ontológica dos polos envolvidos na relação. Luczinski e Ancona-Lopez (2010) lembram que a atitude de abertura para o outro que fomenta o acontecimento do encontro entre duas pessoas, propicia o desvelamento do eu, que já não é o mesmo – é um eu em relação. Dá-se espaço para o “‘entre’, que leva ao contato consigo mesmo e com o outro”, proporcionando a ocorrência de transformação para os envolvidos na relação (Luczinski e Ancona-Lopez, 2010, p. 79). “O ‘entre’, o ‘intervalo’ é o

lugar de revelação da palavra proferida pelo ser” (Zuben, 2003, p. 93). Tal intervalo é identificado entre Eu e Tu e Eu e Isso.

A relação, embora por vezes provoque inquietações, desconfortos e insegurança diante do novo vivenciado na presença do outro, é constantemente buscada, já que é necessidade humana estar com o outro. A relação é entendida como o caminho para o crescimento, “pois a relação eu-tu confronta, provoca e remete ao paradoxo da existência” (Luczinski e Ancona-Lopez, 2010, p. 79).

Para ser dialógico, é necessário que haja totalidade daquele que participa do evento instaurado pela palavra-princípio Eu-Tu. Por totalidade entende-se a participação do ser na sua totalidade. O “evento ‘acontece’ em virtude do encontro ‘entre’ o Eu e o Tu na reciprocidade da ação totalizadora”, destaca Zuben (2003, p. 94). Sobre o diálogo genuíno, Luczinski e Ancona-Lopez (2010, p. 79) afirmam que “tanto no que é mutuamente construído e buscado quanto na relação espontânea a vivência eu-tu pode ocorrer abrindo caminho e transformando”.

2.1 - A RELAÇÃO HUMANA

Giovanetti (2015, p. 82) descreve a relação humana como sendo uma ligação na qual há “troca de conteúdos humanos” e na qual a comunicação entre as pessoas possibilite o “desvelamento de significados” para ambas as partes.

E estabelece condições prévias para a caracterização da relação humana. Deste modo, elenca três pontos. O primeiro refere-se ao “conhecimento do outro como sujeito”, o que significa “reconhecer o outro como sujeito dos próprios atos” e que a busca pela concretização da direção da vida está relacionada à capacidade de decisão de cada um, uma vez que cada ser humano é capaz de encontrar e definir o rumo de sua vida, bem como o sentido de sua vida (Giovanetti, 2015, p. 83). A segunda condição apresentada refere-se à “aceitação do outro como ele se apresenta”, que se expressa na aceitação do diferente, ser capaz de abrir-se ao novo, “às novidades do cotidiano”, destaca Giovanetti (2015, p. 83). Tal postura demarca um profundo respeito pelo outro. A terceira condição diz respeito à existência de mobilização de afetos na relação, o que favorece a criação do vínculo entre as pessoas. “Mobilização dos afetos é deixar

que o outro repercute dentro de nós, procurando compreender o que esse movimento está significando”, afirma Giovanetti (2015, p. 84-85).

Dando continuidade à tarefa de caracterizar e definir o que é uma relação humana, Giovanetti (2015) sinaliza quatro elementos estruturais da relação: o encontro, o diálogo, a reciprocidade e o vínculo. Sobre o encontro, o referido autor ressalta se tratar de “uma dialética entre as pessoas que compõem a relação”, o que significa que pelo menos uma das pessoas esteja aberta a experiência do outro. Para tanto, faz-se necessário a aceitação e o respeito para que as pessoas possam vivenciar o encontro inter-humano. “O encontro é a experiência em que, valendo-nos da relação com o outro humano, aprendemos algo e crescemos existencialmente” (Giovanetti, 2015, p. 85).

Sobre o diálogo, Giovanetti (2015, p. 85) assegura se tratar do “tipo de comunicação que se vincula entre as pessoas que estabelecem o encontro”, sendo necessário que uma das pessoas esteja aberta ao que o outro traz para a relação. A reciprocidade é o terceiro elemento. Ser recíproco na relação com o outro diz da disponibilidade para ser envolvido por ele, participar da vida, da existência do outro. “Se a reciprocidade for vivenciada na sua pura autenticidade, ela gerará o vínculo”, sendo o quarto elemento. Pelo vínculo a relação pode ser sedimentada, e expressa a qualidade da relação. A afetividade denota a qualidade e intensidade do relacionamento, destaca Giovanetti (2015, p. 87).

2. 2 - O ENCONTRO NA PSICOTERAPIA

A obra de Buber representa importante contribuição na tarefa de compreender o homem na singularidade e complexidade da sua existência, considerando sua condição de ser-no-mundo. Portanto, considera a existência humana nas suas dimensões pessoais, sociais, políticas e éticas. Suas reflexões têm como ponto de partida a experiência vivida e o diálogo, articulados com o pensamento e a ação, na busca pelo reencontro com o sujeito na sua humanidade.

Apregoa a abertura para o outro na relação inter-humana, uma vez que o homem se constitui nas relações que estabelece. Neste sentido, o encontro entre pessoas, a presença marcada pela abertura, pela disponibilidade, pelo respeito, a vivência da relação mútua entre duas pessoas no processo terapêutico, são valorizados. Zuben (2003, p. 147) ressalta que embora o conhecimento científico tenha sua relevância no processo terapêutico, este não deve sobressair à relação estabelecida entre as pessoas disponíveis ao encontro na relação de ajuda. Trata-se da relação dialógica, ou relação Eu-Tu.

Buber, conforme enfatizado por Zuben (2003), prioriza nas relações humanas, o 'entre' que é o lugar onde ocorrem os encontros autênticos nos eventos inter-humanos. Neste, a palavra proferida ao outro, capaz de suscitar resposta e revelar a autenticidade presente no encontro entre pessoas, demarca sua função como potencializadora do encontro. Neste sentido, "o dialógico acontece 'entre' as pessoas envolvidas", tendo seu sentido explicitado no "intercâmbio, na interação, no intervalo das duas palavras" (Zuben, 2003, p. 155).

Zuben (2003) lembra que Buber assinala que o 'encontro' se dá pelo movimento de distanciamento e pela relação. Sendo que, pelo distanciamento, o homem reconhece a alteridade e se distingue do outro. Pela relação, há a presentificação do outro como pessoa. O movimento de voltar para o outro com o corpo e a alma representa o movimento básico dialógico: voltar-se-para-o-outro. O oposto consiste no movimento de dobrar-se-em-si-mesmo como sendo "o retraindo-se do homem diante da aceitação, na essência do seu ser, de uma outra pessoa na sua singularidade", e ainda, como "a admissão da existência do

Outro somente sob a forma de vivência própria, somente como uma parte do meu eu”, enfatiza Buber (1982), citado por Zuben (2003, p. 156).

Fazendo correlação entre a compreensão Buberiana sobre relação e a prática clínica, Luczinski e Ancona-Lopez (2010, p. 79) reforçam que quando o (a) terapeuta se abre ao cliente de modo a “conseguir acessá-lo enquanto um tu, institui-se uma forma de relação em que o terapeuta pode entrar no modo eu-tu de funcionamento, ou seja, se torna um eu.” Isto pois, proferiu a palavra tu ao considerar o outro enquanto presença, pessoa. Seu eu é um eu em relação, e sofre transformação. As autoras assinalam que por esta razão a relação entre terapeuta e cliente pode ser fecunda e proporcionar “uma sensação indescritível de admiração e plenitude”. Terapeuta e cliente são impactados por tal experiência. “É como se fosse realmente uma ruptura do funcionamento comum e uma abertura sutil para a dimensão ontológica que envolve todos os seres” (Luczinski e Ancona-Lopez, 2010, p. 79).

O dialógico, então, se dá no evento do inter-humano, na relação e aceitação mútua. Para tanto, ver o outro tal como ele é, ver que o outro é um não eu, é necessário para o diálogo autêntico. Na relação terapêutica, importa que o terapeuta saiba reconhecer quando colocar de lado seus conhecimentos teóricos e técnicos, para então se colocar diante do paciente, e “*tornar-se presente no encontro*”, confirmando a pessoa na sua experiência e alteridade, destaca Zuben (2003, p. 157).

Sobre o encontro terapêutico, Teixeira (2006) enfatiza que o foco é a experiência que o outro tem do mundo, e caracteriza-se pela relação existencial no estar-com e estar-para. O referido autor define encontro como sendo:

“apreensão da presença do outro ‘tal como’ ele aparece diante do terapeuta – (...), sem distorções interpretativas – pelo que é necessário estabelecer contato (sintonizando), aceder ao seu estado de consciência (empatizando) e compreender, captando as modalidades de constituição da sua presença no mundo.” (Teixeira, 2006, p. 295).

O encontro de uma existência com uma outra existência assinala a relação existencial – estar-com, que implica uma

“presença sentida (estar-por-si), a reciprocidade (estar-para-o-outro), cuidado (acolher o outro na sua esfera vital), o laço emocional (eu/tu que criam um ‘nós’, numa reciprocidade activa para que o outro se ilumine e descubra) e convite ao diálogo autêntico, a partir das vivências ou intencionalidades significativas” (Teixeira, 2006, p. 295).

Luczinski e Ancona-Lopes (2010, p. 80) ressaltam que, na clínica psicológica, importa “buscar apreender a pessoa na sua dinâmica existencial, vivenciando o ‘entre’, ou seja, incluindo a relação e sua imprevisibilidade como fundantes no processo desencadeado”.

Giovanetti (2015) assinala que o encontro psicoterápico é desenvolvido numa interação, uma relação interpessoal na qual há a veiculação de “material subjetivo”, ou o “conteúdo significativo” das vivências da pessoa do cliente, necessária para o desenvolvimento do processo terapêutico. Enfatiza a importância de o(a) profissional respeitar o ritmo e o desvelamento da vida íntima daquele(a) que busca auxílio. “Do processo terapêutico, o cliente espera cura, e não amizade; ajuda e não amor”. Ajuda esta, que se dará por meio da solidariedade e do apoio, na busca conjunta – terapeuta e cliente – pelo esclarecimento das suas vivências (Giovanetti, 2015, p. 55). Cabe destacar que, dado que a relação não pode ser controlada ou moldada conforme o interesse dos participantes, uma vez que se trata de um acontecimento, uma postura de abertura e “disposição diante do outro” facilitam a aproximação entre os participantes, “abrindo caminho para um encontro real entre pessoas”, enfatizam Luczinski e Ancona-Lopes (2010, p. 80).

O diálogo genuíno, nesse sentido, é o início do encontro entre pessoas. E para tanto, Luczinski e Ancona-Lopes (2010) destacam três condições para a ocorrência de um diálogo genuíno. A primeira é a autenticidade dos participantes, que é “a possibilidade de as pessoas se guiarem pelo que são no momento, sem parecer algo ou produzir uma imagem de si”. Aqui é ressaltado o desafio colocado ao(à) psicoterapeuta, que é se colocar como é, e encorajar o(a) cliente a fazer o mesmo. Ao ser afetado(a) pelo(a) cliente, o(a) psicoterapeuta se torna responsável pelas decisões que toma na condução do processo psicoterápico. A vulnerabilidade que se apresenta, tanto para um quanto para outro, pode trazer receio aos participantes do processo, uma vez que aponta para a abertura para o novo, o que não invalida a possibilidade de crescimento e “transformação de si e do outro” ao vivenciarem a relação (Luczinski e Ancona-Lopes, 2010, p. 80).

A segunda condição refere-se ao reconhecimento do outro como alteridade, como singular, totalidade. “É ter uma atitude de contemplação, e não

de mera observação”. E, como terceira condição, as referidas autoras apontam a necessidade de que nenhum dos parceiros se imponha ao outro, que haja uma confirmação do outro. “Confirmar alguém é acreditar nele enquanto pessoa, sem ter que, necessariamente, concordar com ele”, destacam Luczinski e Ancona-Lopes (2010, p. 80).

Giovanetti (2015) destaca algumas características do encontro psicoterápico baseado na relação interpessoal, afirmando que nesta, “deve compreender, em si, o cuidado, a assistência e o tratamento” (2015, p. 56). E acrescenta: a primeira característica é o cuidado, que diz da atenção ao ritmo do cliente, aguardando o desvelar deste; quanto ao tratamento, o terapeuta deve estar atento ao objetivo da psicoterapia, entendida como uma intervenção de tratamento, uma ação ‘curativa’ que auxilia o(a) cliente a se reorganizar no seu modo de existir. Neste sentido, o relacionamento terapêutico auxilia o(a) cliente a desenvolver sua autonomia, evidenciando que a relação terá um fim, um rompimento necessário para que o(a) paciente construa seu próprio caminho e se responsabilize por si mesmo. A segunda característica apontada refere-se ao objetivo da terapia e a consequente finitude. A terceira característica apontada é a existência da assimetria para o desenvolvimento da relação terapêutica, já que o(a) terapeuta é aquele(a) que possui formação profissional para compreender o que ocorre na relação, e o(a) cliente é aquele(a) que trará elementos para serem trabalhados no processo terapêutico (Giovanetti, 2015, p. 56-57).

Sobre a relação que se dá no processo psicoterápico, valendo-se das reflexões feitas por Amatuzzi (1989) sobre a mutualidade da relação eu-tu, Luczinski e Ancona-Lopez assinalam que a “psicoterapia não pode ser considerada uma situação de diálogo pleno, de relação eu-tu completa, pois não há igualdade de papéis” (2010, p. 79). Aqui, é apontada uma limitação da relação instaurada no processo psicoterápico. Ainda assim, à medida que se aproxima de uma relação pessoa-pessoa, ela pode ser fecunda e trazer benefícios, principalmente ao(à) cliente, que terá experimentado uma relação eu-tu.

A presença, a escuta atenta e crítica, o olhar cuidadoso, a postura acolhedora, a companhia verdadeira do(a) psicoterapeuta representa para a pessoa do(a) cliente uma oportunidade de arriscar e adentrar ao seu processo, uma vez que não está só. “Suas experiências serão acolhidas e acompanhadas

pelo psicólogo que, estando presente e atento, poderá contribuir para sua compreensão, indo além delas, indo para onde apontam”, afirmam Luczinski e Ancona-Lopez (2010, p. 81). É um movimento de crescimento e ruptura com os antigos modos de relação vivenciados.

A posição assumida pelo(a) psicoterapeuta funciona como um ponto de apoio para o(a) cliente, que poderá desenvolver o auto-suporte necessário para desvelar-se e velar-se, ao mesmo tempo que avança para o encontro consigo mesmo, buscando a integração e o melhor de si. A relação no processo psicoterápico fomenta o encontro interpessoal, que é parte da psicoterapia, e coloca a pessoa em movimento de devir. A qualidade e intensidade do envolvimento presente na relação alimenta o encontro, onde pode ser formulado uma novidade que coloca em movimento, produzindo um saber e uma pergunta é apresentada pelo(a) cliente. A resposta produzida nessa interação tem a característica de provocar novas formulações, novos questionamentos. Neste sentido,

“Uma resposta que surge de uma pergunta nascida do encontro, quando corresponde à vivência da pessoa, a colocará em movimento reflexivo e vivencial, tendo como resultado a apropriação de um saber de si” (Luczinski e Ancona-Lopez, 2010, p. 81).

Tal proposição assinala a relação da pessoa com o mundo a sua volta, e a expande, assinalando o lugar situado pelo homem: “na fronteira entre sua subjetividade e o mundo, atravessada por ambos, mas irreduzível a qualquer esfera”, destacam Luczinski e Ancona-Lopez (2010, p. 81).

Cabe ainda, enfatizar a natureza do encontro, que é relacional e capaz de estimular o “processo compreensivo da pessoa”, abrindo caminho para possíveis “elaborações, ressignificações e a busca pelo sentido, as quais não se darão necessariamente no *setting* terapêutico, mas como consequência de uma relação”, que terá efeitos nos diversos aspectos da vida da pessoa, para além da situação terapêutica, ressaltam Luczinski e Ancona-Lopez, 2010, p. 81, *italico* das autoras).

Deste modo, na psicoterapia, o encontro representa, para além de um acontecimento relacional entre terapeuta e cliente, uma oportunidade de interação entre as pessoas, e de elaboração pessoal desencadeada no processo.

CAP 3 - O ENCONTRO E A GESTALT-TERAPIA

A Gestalt-terapia, como abordagem psicoterápica de origem fenomenológico-existencial e holística, teve influência de diversas abordagens que valorizam o humano. Yontef (1998) assinala três princípios que definem a Gestalt-terapia, sendo eles: o primeiro: “A Gestalt-terapia é fenomenológica; seu único objetivo é a awareness e a sua metodologia é a da awareness”; o segundo: “A Gestalt-terapia baseia-se totalmente no existencialismo dialógico, isto é, no processo de contato/afastamento Eu-Tu”; o terceiro: “O fundamento conceitual da Gestalt-terapia ou a visão de mundo gestáltica baseiam-se no holismo e na teoria de campo” (Yontef, 1998, p. 234).

A Gestalt-terapia é caracterizada como existencial por valorizar o presente existencial de cada paciente e pela atitude relacional adotada. O primeiro está relacionado à ênfase nos aspectos humanos atuais, da existência de cada paciente, tanto na vida geral como a cada momento da sessão psicoterápica; e o segundo, “refere-se à sua atitude especial para com o relacionar-se”, destaca Yontef (1998, p. 241). E complementa, afirmando que: “No nível filosófico ele é chamado de Existencialismo Dialógico. No nível de relacionamento pode ser igualmente chamado Diálogo Eu-Tu, Encontro ou Encontro Existencial” (Yontef, 1998, p. 241).

Como descrito anteriormente, diálogo equivale ao evento que ocorre entre duas pessoas que se encontram como pessoas. Para a Gestalt-terapia, o relacionamento dialógico Eu-Tu, o encontro existencial, é caracterizado pelo encontro entre pessoas como pessoas, marcado pelo diálogo que vai além do uso de palavras, lembra Yontef (1998). O referido autor enfatiza que o(a) gestalt-terapeuta trabalha empenhando-se em um diálogo, marcado pela “aceitação, entusiasmo e preocupação verdadeiros e por auto-responsabilidade” (Yontef, 1998, p. 18).

No relacionamento terapêutico em Gestalt-terapia, cinco características de diálogo são enfatizadas. A primeira refere-se à inclusão, entendida como a capacidade de se situar na experiência do outro, sem julgamento, análise ou interpretação, atentando-se para manter distinta a própria presença. “O

terapeuta honra a experiência fenomenológica do paciente, entra de maneira respeitosa no mundo fenomenológico do paciente, experienciando-o como ele é, e aceita o paciente como ele é” (Yontef, 1998, p. 252).

A segunda característica é a presença do(a) terapeuta, que expressa para o(a) cliente, “observações, preferências, sentimentos, experiência pessoal e pensamentos”. A presença é utilizada para encorajar o(a) cliente a se regular de modo autônomo. O terapeuta “respeita o seu verdadeiro self, o suficiente para conhecê-lo e mantê-lo enquanto pratica a inclusão, e prefere mostrá-lo a ‘estar parecendo’ – parecendo ser diferente” (Yontef, 1998, p. 252). Trata-se de confirmar a pessoa, na sua diversidade e singularidade.

A terceira característica é o compromisso com o diálogo, enfatizando o contato que acontece entre as pessoas, pela interação entre as mesmas. O terapeuta dialógico “permite ao que está ‘entre’ controlar” o acontecimento instaurado pelo diálogo. A partir do contato estabelecido, o(a) terapeuta se permite ser afetado pela pessoa (inclusão), e permite que o(a) paciente seja afetado por quem o(a) terapeuta é (presença). Tal característica equivale ao “relacionamento baseado explicitamente no que a pessoa está experienciando, e respeito ao que o outro experiencia” (Yontef, 1998, p. 253).

O diálogo é vivido é a quarta característica do diálogo em Gestalt-terapia. O diálogo é feito e não falado. Viver o diálogo equivale à expressão e mobilização de energia entre os participantes. Ocorre no presente, no agora. É viver, fazer e experienciar. “*Entrar em contato é relacionar-se com a vida e com o imediato – agora. Relacionar-se é viver (..)*” (Yontef, 1998, p. 265, itálico do autor).

A quinta característica do diálogo refere-se ao fato de que o relacionamento dialógico em Gestalt-terapia não é exploratório ou manipulativo, considerando cada pessoa como uma finalidade em si mesma. “*Embora a mutualidade da terapia não seja total e exista uma diferenciação de tarefa/papel*”, o(a) terapeuta adota o desenvolvimento de um relacionamento horizontal (Yontef, 1998, p. 256, itálico do autor).

A presença ativa do(a) terapeuta é enfatizada no processo terapêutico como instrumento principal, destaca Yontef (1998). A presença aqui é

compreendida como a disponibilidade do(a) terapeuta para o encontro, estar em contato com o outro que se apresenta. “Contato é a experiência da fronteira entre o ‘eu’ e o ‘não-eu’”, afirma Yontef (1998, p. 18). É pelo contato que o indivíduo se comunica, se mostra, se manifesta, experimenta, percebe a si mesmo e o mundo. “O contato é o processo básico do relacionamento”, sendo definido como “o processo de contato/afastamento”. Entrar em contato compreende quatro aspectos: conectar, separar, mover e awareness, afirma Yontef (1998, p. 237).

Estar em contato, contatar é todo processo de reconhecimento do eu e do não-eu pelo movimento em direção a conectar-se e afastar-se. Assim, pelo contato o encontro acontece. Yontef (1998, p. 239) assinala que o “contato humano totalmente desenvolvido é um processo mútuo de duas pessoas separadas movimentando-se em ritmo de união e separação”. Na relação dialógica, onde há o mútuo contatar, o foco está na interação entre as duas pessoas como pessoas.

Sobre o conceito de relacionamento dialógico, Hycner (1995) enfatiza que se refere ao fato de que nos tornamos, e somos, seres humanos devido à relação que estabelecemos com outros seres humanos. E ainda, por termos a capacidade e “o desejo de estabelecer relacionamentos significativos com os outros, ao mesmo tempo respeitando a singularidade do outro e a nossa” (Hycner, 1995, p. 67-68). Diálogo se refere à interação mais específica entre pessoas que buscam o encontro genuíno com o outro, podendo ou não haver o uso de palavras. O diálogo pode ocorrer, inclusive, no silêncio das duas pessoas.

Hycner (1995, p. 70, itálico do autor) esclarece que na psicoterapia, o termo dialógico, para o(a) terapeuta, “refere-se basicamente a uma *abordagem* do cliente; ir ao encontro dele no nível de desenvolvimento psicológico, até onde ele chegou, e trabalhar para ajudá-lo a ter uma postura relacional mais saudável com o mundo”. Aqui cabe destacar, a importância atribuída ao vínculo estabelecido entre terapeuta e cliente. Neste sentido, Hycner (1995, p. 70), ressalta que é o relacionamento estabelecido entre terapeuta e cliente que permite a este “explorar seus conflitos intrapsíquicos” e caminhar rumo a um contato maior com o terapeuta e com o mundo. Almeida (2010, p. 218) assinala que tal relacionamento “permite ao cliente desvelar seus conflitos, tristezas,

expectativas, enfim, e compartilhar seu mundo interno e restaurar as conexões que foram se perdendo ao longo da vida”.

Para abrigar o sofrimento humano, importa que o Gestalt-terapeuta se coloque disponível, atento, com uma presença acolhedora e respeitosa para que o paciente tenha condições de se desvelar, de expor seu sofrimento por meio do vínculo que se desenvolve. Almeida (2010, p. 220) afirma que “É essa postura metodológica compreensiva do Gestalt-terapeuta que possibilita entrar nesse território emocional de forma respeitosa e acolhedora.”

Sobre o vínculo entre terapeuta e cliente, Zinker (2007, p. 19) assinala que o(a) “terapeuta deve agir amorosamente com seu cliente”, uma vez que a experiência de ser totalmente aceito(a) pelo(a) terapeuta proporciona ao(a) paciente “sentimentos de autoconhecimento e de apreço e amor”.

O amor altruísta do terapeuta promove confiança. Como o processo da terapia lida frequentemente com as partes mais vulneráveis da pessoa, a confiança deve estar sempre presente para que as duas partes se permitam revelar seus sentimentos. É esse ‘amor’, em todas as suas formas, que alimenta o processo criativo entre o cliente e o terapeuta. (Zinker, 2007, p. 19)

O vínculo entre Gestalt-terapeuta e cliente possibilita o estabelecimento da confiança e, “ao cliente sentir-se compreendido por outro ser humano em sua própria experiência de acolhimento e aceitação e, talvez, ele mesmo possa num movimento paradoxal, voltar a si mesmo amorosamente, compreendendo-se, acolhendo-se e aceitando-se” (Almeida, 2010, p, 220). Através da relação dialógica em Gestalt-terapia, a presença amorosa e cuidadosa do terapeuta possibilita ao cliente o desenvolvimento do seu processo de conhecimento e confirmação de si e de sua história de vida.

Almeida (2010, p 218) enfatiza que, cabe à(ao) psicoterapeuta gestáltico acolher de modo dialógico e fenomenológico as manifestações do cliente, “sem permitir que seus próprios vieses interfiram negativamente no processo sem, contudo, esquecer que é um participante ativo na constituição dessa relação”. Destaca ainda que, a “psicoterapia deve, sem prejuízo de outras funções, auxiliar a pessoa a reencontrar seu próprio sentido”, e ao Gestalt-terapeuta “propiciar ao cliente a compreensão da totalidade das circunstâncias em que está inserido”, das suas vivências e experiências (Almeida, 2010, p 219).

O encontro, na perspectiva da Gestalt-terapia, conforme exposto acima, representa um acontecimento fomentado pelo diálogo autêntico. No processo psicoterápico, embora haja limitações decorrentes da especificidade do trabalho, ele é facilitado pela disponibilidade e postura do(a) terapeuta em acolher e cuidar do outro na sua singularidade, alteridade e totalidade. A qualidade da relação terapêutica é fundamental, uma vez que é o empenho e a intensidade da mesma que favorecerá ao(a) cliente a confiança necessária para desvelar-se e velar-se, num movimento de descoberta, aceitação, amor e auto-realização.

CONSIDERAÇÕES NUNCA FINAIS

A Gestalt-terapia, como abordagem de origem fenomenológico-existencial e holística, teve em sua estruturação teórica e prática, a influência de diversas abordagens, que têm em comum a valorização do humano, nos aspectos emocionais, espirituais, culturais e sociais, e de suas potencialidades de autorrealização. Destacam-se a Fenomenologia, o Existencialismo, o Humanismo, a Psicologia da Gestalt, a Teoria Organísmica, a Teoria de Campo e a Teoria Holística. O homem é compreendido como um ser livre capaz de desenvolver-se nas relações que estabelece. É compreendido como ser de potência e transformação, aquele capaz de autogerir, se criando a cada momento, num constante vir-a-ser, na busca por uma existência autêntica.

Como abordagem psicoterápica, a Gestalt-terapia prioriza o perceber, o sentir e o atuar. O foco está na awareness, na capacidade de a pessoa estar em contato consigo mesmo, com sua existência, abrindo a possibilidade de realizar escolhas mais significativas para si. A relação entre terapeuta e paciente tem relevante importância no processo psicoterápico, sendo que o diálogo entre ambos, como pessoas, marca a característica da atuação em Gestalt-terapia. Tal postura evidencia a influência dos pensamentos de Martin Buber, filósofo do encontro, que teoriza sobre a relação Eu-Tu. Buber prioriza a relação intersubjetiva genuína, na busca pela compreensão da existência humana, marcada pela condição de ser-no-mundo e ser-no-mundo-com-os-outros.

Sendo o homem, constituído na e pelas relações que estabelece consigo, com os outros e com o mundo a sua volta, a qualidade da relação terapêutica é imprescindível para fomentar o desvelar e o revelar do ser do(a) cliente e, ainda, possibilitar que o(a) mesmo(a) construa consigo uma relação de aceitação, de amor e compreensão, favorecendo a autoconsciência, autodeterminação, autorrealização.

O processo psicoterápico tem como uma das possibilidades oferecer àquele(a) que busca a psicoterapia, a oportunidade de se descobrir, se cuidar, se conectar a si mesmo, buscando a expressão de sua autenticidade. Para tanto, faz-se relevante a postura adotada pelo(a) Gestalt-terapeuta, cabendo a disponibilidade para a pessoa que se apresenta. Tal disponibilidade é explicitada

pela abertura e presença do(a) terapeuta, pelo respeito para com o fenômeno que se desvela, pela aceitação e confirmação do outro como pessoa.

Na abordagem Gestáltica a relação dialógica entre terapeuta e cliente constitui o ponto central do trabalho desenvolvido, uma vez que por meio da vivência de um relacionamento baseado no contato e na autenticidade, é possível a vivência de um relacionamento mútuo e genuíno, capaz de fomentar o autoconhecimento, a abertura para novas possibilidades de ser no mundo de modo mais condizente com o que é próprio.

A relação dialógica estabelecida entre Gestalt-terapeuta e cliente busca fomentar o desenvolvimento pessoal, considerando a potencialidade humana de autorregulação e autogestão, busca-se um “melhor-ser” e um “mais-ser”, a plena realização do ser.

Assim, buscou-se, com a presente proposta de pesquisa, maior compreensão acerca do tema proposto, bem como aprimorar o arcabouço teórico e prático para a atuação clínica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ALMEIDA, Josiane Maria Tiago de. Reflexões sobre a prática clínica em Gestalt-terapia: possibilidades de acesso à experiência do cliente. **Revista de Abordagem Gestáltica**. XVI (2), jun-dez, 2010, pp 217-221.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 8ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CARDOSO, Cláudia Lins. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs) **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas)

CREMA, Roberto. **O poder do encontro: origem do cuidado**. São Paulo: Tumiak Produções; Instituto Arapoty; Unipaz, 2017.

FRAZÃO, L. M. Um pouco da história... um pouco dos bastidores. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs) **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia de contato**. Trad. Sonia de Souza Rangel. São Paulo: Summus, 1995.

GIOVANETTI, José Paulo. Fundamentação antropológica da prática psicoterápica. In: GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia Fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos**. FEAD. 2015.

GIOVANETTI, José Paulo. A relação terapêutica na perspectiva fenomenológico-existencial. In: GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia Fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos**. FEAD. 2015.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. Trad. Elisa P. Z. Gomes, Enila Chagas, Márcia Portella. São Paulo: Summus, 1995.

KIYAN, Ana Maria Mazzarana. **E a Gestalt emerge: vida e obra de Frederick Perls**. São Paulo: Altana, 2001.

KIYAN, Ana Maria Mazzarana. **O gosto do experimento: possibilidades clínicas em Gestalt-terapia**. São Paulo: Altana, 2009.

LUCZINSKI, Giovana Fagundes; ANCONA-LOPES, Marília. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia**. 27(1), Campinas: jan-mar, 2010, p. 75-82.

MENDONÇA, M. M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs) **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e Testemunha ocular da terapia**. (Trad. José Sanz), 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PERLS, F. **Gestalt-terapia Explicada**. São Paulo: Summus, 1977a

PERLS, F. **Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. (Trad. Georges D. J. Bloc Boris). São Paulo: Summus, 2002.

PONCIANO, Jorge Ribeiro. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus, 1985.

REHFELD, Ari. Fenomenologia e Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs) **Gestalt-terapia: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas).

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Introdução à Psicoterapia Existencial. In: **Análise Psicológica**. 3 (XXIV): 289-309, 2006.

TELLEGEN, Thérèse Amelie. **Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica**. São Paulo: Summus, 1984.

YONTEF, Gary M. **Processo, Diálogo e Awareness: ensaios em Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, Joseph. **Processo Criativo em Gestalt-Terapia**. (M. S. M. Neto, Trad.) São Paulo: Summus, 2007.

ZUBEN, Newton Aquiles von. **Martin Buber: cumplicidade e diálogo**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.